

A PROSA DOUTRINAL E A CRÔNICA HISTÓRICA DE FERNÃO LOPES

META

Contextualizar os diversos tipos de textos em prosa da história medieval portuguesa. Estruturar os principais elementos históricos e literários das crônicas de Fernão Lopes.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Diferenciar os tipos de texto em prosa da literatura medieval portuguesa. identificar as diferenças das crônicas históricas da crônica de Fernão Lopes.

apontar a importância das crônicas de Fernão Lopes como documentos históricos e literários para Portugal.

caracterizar o estilo de Fernão Lopes, descrevendo suas peculiaridades estéticas que ressaltam a relação entre o povo e os fatos narrados.

PRÉ-REQUISITOS

História medieval portuguesa, poesia trovadoresca e cantigas de gesta.



Estátuas dos Mestres da Literatura Portuguesa na Biblioteca Nacional de Portugal: Fernão Lopes, Gil Vicente, Luís de Camões e Eça de Queiroz.

(Fonte: <http://www.flickr.com>)

INTRODUÇÃO

As relações entre história e literatura estão presentes nas reflexões desta aula acerca dos prosadores de Avis: D. João I, D. Duarte e D. Pedro e das crônicas de Fernão Lopes. A prosa doutrinária da ínclita geração (infantes de Avis) tem um caráter mais pedagógico, pois funciona como um manual de bons comportamentos para os cavaleiros da corte. Já as crônicas de Fernão Lopes são consideradas referências para o estudo da história e da literatura portuguesa pela veracidade de suas fontes e pela qualidade de seu estilo. Então, dando continuidade aos estudos da literatura medieval portuguesa, esta aula aprofundará alguns debates em torno da historiografia e da prosa doutrinária dos infantes da dinastia de Avis. Você estudará o contexto histórico em que essa prosa foi escrita e suas principais características. Antes vamos situar algumas crônicas e livros de linhagens importantes que foram escritos por volta de 1344. Depois dessa retomada histórica, você conhecerá a prosa doutrinária de D. Duarte e a produção de Fernão Lopes, um historiador que chega ao posto de Cronista-mor na regência de D. Duarte em 1434. A fabulosa técnica usada por Fernão Lopes e sua busca da verdade dos fatos fazem dessas crônicas os textos mais importantes escritos no período medieval português.



Esta obra constitui um importante documento e é considerado um legado da cultura medieval portuguesa.
(Fonte: www.leitura.gulbenkian.pt)

ASPECTOS DO CONTEXTO HISTÓRICO

A mudança do século XIV para o XV ficou marcada na história medieval pela crise definitiva dos sistemas feudais vigentes na Europa. Portugal, nesse contexto, viu-se obrigado a seguir as transformações necessárias, entre elas, a reestruturação das práticas políticas, econômicas e sociais definidas pela força da burguesia. Enquanto os senhores feudais eram atacados pelos camponeses, em episódios que demonstravam a revolta destes contra as injunções a que haviam sido continuamente submetidos, a classe burguesa (ricos comerciantes) começa a disputar poder com a aristocracia (descendentes das famílias reais ou portadores de título de nobreza), buscando apoio, principalmente, entre aqueles que já constituíam uma classe mais independente: os artesãos.

Em Portugal, a força da burguesia é ainda mais destacada, já que cabia aos burgueses as ações mercantis oriundas de cidades marítimas como Lisboa e Porto. O expansionismo marítimo ampliou esse poder e originou políticas reais voltadas para esse segmento da sociedade. No reinado de Dom Fernando I (1345-1383), já surgiam leis voltadas para o comércio marítimo. Todavia, o panorama confuso também gerava políticas conflituosas que, de um lado, pareciam acompanhar as transformações e, de outro, reforçavam práticas decadentes, como a Lei das Sesmarias, que impedia os camponeses de se libertarem do regime feudal. A morte do rei criou um episódio bastante propício às transformações, uma vez que a única filha de D. Fernando, ao casar-se com Dom João I de Castela, ao suceder o pai, acabaria impondo a Portugal um estado de dependência em relação à Castela que não era bem visto pela burguesia e pelo povo em geral. Nesse momento, surge a figura do irmão bastardo de Dom Fernando, D. João, Mestre de Avis (1357-1433)¹, que acaba sendo a opção política dos burgueses e do povo em geral. Cria-se um conflito², que resulta no fim da dinastia dos Borgonha e no início da dinastia de Avis, o que representa, também, a vitória política da classe burguesa e o incremento na política expansionista portuguesa.

Todavia, ainda que representando a preferência popular, Dom João I mantinha laços com a visão de mundo aristocrática, o que prolongou os conflitos entre nobreza e burguesia. Antônio José Saraiva explica que “enquanto o rei e a nobreza esperavam enriquecer com o saque e as caravanas de ouro, a burguesia marítima buscava no Norte da África mercados agrícolas e um porto chave para o tráfego entre o Atlântico e o Mediterrâneo” (2008, p. 105-108). Dom João I foi sucedido pelo filho Dom Duarte I (1391-1438), que governou apenas por cinco anos (morreu atingido pela peste), período em que procurou uma política de consenso. Porém, a estabilidade política somente foi alcançada com o governo de Dom Afonso V (1432-1481), filho de Dom Duarte I, após enfrentamentos gra-

ves, como a Batalha de Alfarrobeira, em que seu tio Dom Pedro, Duque de Coimbra, buscava assumir o trono, mas foi morto nessa luta familiar pelo trono português. A partir do reinado de D. Afonso V português tem um rápido progresso até a decadência em 1580, depois da morte de D. Sebastião em guerra no norte da África.

Como você pôde ver, a história de Portugal está repleta de lutas pelo poder. Nesses movimentos, observa-se claramente o quanto o poder da coroa fascinava aos nobres. Nesta aula, por exemplo, você conhecerá mais detalhes da Revolução de Avis que levou D. João ao poder na Batalha de Aljubarrota, retratada com detalhes por Fernão Lopes. Mas, antes, vamos deixar de lado essas lutas pelo poder para estudarmos a prosa doutrinal dos reis dessa Revolução. Por exemplo, D. João escreveu um livro sobre montaria, já seu filho, D. Duarte, e seu irmão, D. Pedro, deixaram tratados de boas maneiras: o primeiro de como deve se comportar um cavaleiro na corte; o segundo, nos episódios de caça e luta.

A PROSA DOUTRINAL DOS PROSADORES DE AVIS

As produções literárias da prosa doutrinal estão muito relacionadas ao gosto da corte de D. João I. A burguesia e a nobreza precisavam de orientações de como se comportar. Dessas necessidades, os infantes passaram a produzir obras doutrinárias que apresentam um caráter mais pedagógico que literário, todavia alguns elementos estéticos e lingüísticos podem ser discutidos acerca dessa produção. Entre os principais fundamentos dessa produção estão “a educação moral e física do cavaleiro, o gosto dos desportos e conseqüentemente a preparação do espírito guerreiro” (SPINA, 2006, p. 99). O próprio rei D. João I dá o exemplo e organiza um *Livro de Montaria*, no qual além de suas opiniões, compila conselhos de outros autores sobre a caça do porco montês. Seu filho, D. Duarte, produz uma obra mais doutrinária e mais bem elaborada, com destaque para *Leal Conselheiro*, texto que valoriza a boa conduta da nobreza. Outro infante que escreve para aconselhar os nobres de sua corte e merece destaque é D. Pedro, irmão de D. João I. Em *Virtuosa Benfeitoria*, D. Duarte desenvolve uma teoria do benefício, na boa ação do homem numa prosa escolástica. Essa obra foi concluída por um clérigo. Seu estilo é pessoal e tem objetivo de divulgar a doutrina católica. Seu caráter pedagógico não pode ficar de lado, nem os interesses de uma nova nobreza em pregar princípios mais atualizados com as novas ondas de humanismo que chega à corte portuguesa.

Entre os destaques dessa produção está a reflexão que D. Duarte faz acerca da saudade e a influência formal da língua latina na construção

das frases em português em seu *Leal conselheiro*. D. Duarte sempre se preocupou em fazer reflexões acerca do comportamento do homem moderno e anotava suas meditações. A partir dessas anotações, ele escreve *Leal conselheiro* que traz normas de conduta do cotidiano e prega bons modos para uma vida palaciana. D. Duarte era estudioso, construiu uma rica biblioteca que garante sua vasta formação. Sabemos que ele conheceu textos dos filósofos clássicos: Platão, Aristóteles, Cícero, Sêneca, e que teve acesso à obra dos pensadores cristãos e santos Agostinho, Gregório e Tomás entre outros. Para muitos, é o primeiro pensador que aborda a saudade, tema tão recorrente no imaginário português

Sua preocupação com a linguagem é outro aspecto que merece destaque. Como se tratava de um gênero que ainda não tinha precedentes em língua portuguesa, pois a maioria dos textos era escrito em latim, D. Duarte precisou introduzir inúmeras palavras alatinas na língua pátria. Seu estilo buscava uma nova marca, como romper com as construções coordenadas, muito comuns a outros prosadores. D. Duarte foi um dos primeiros a pregar que, em língua portuguesa, devemos sempre desconfiar dos sinônimos, pois eles sempre podem dizer a mais ou menos do que se realmente deseja. *Leal conselheiro* (1437-38) está dividida em 103 capítulos que trazem ensinamentos de como a aristocracia deve se comportar. Nessa obra, D. Duarte condena alguns vícios do homem da corte, tais como: vanglória, inveja, avareza, gula entre tantos outros. Opondo-se a esses defeitos, o homem da corte deve cultivar virtudes como o amor ao próximo, a caridade e a prudência. Princípios religiosos pregados pelo cristianismo. Como se vê, trata-se de uma prosa com caráter pedagógico. Mesmo com essa abordagem doutrinária, sua capacidade filosófica vai além. A seguir, leia dois trechos do *Leal conselheiro*. No primeiro, você terá algumas dicas de como escrever bem em Língua Portuguesa, no segundo, a definição de saudade:

DICAS PARA BEM ESCREVER DO *LEAL CONSELHEIRO*

Primeiro, conhecer bem a sentença do que há de tornar, e poê-la inteiramente, não mudando, acrescentando, nem mingando, cousa do que está escrito. O segundo, que não ponha palavra latinadas nem doutra linguagem, mas todo seja em nossa linguagem escrito, mais achegadamente ao geral bom costume de nosso falar que pode fazer. O terceiro, que sempre se ponham palavras que sejam direita linguagem, respondentes ao latim, não mudando umas por outras, assi que onde el disser per latim “escorregar”, não ponha “afastar”, e assi em outras semelhantes, entendo que tanto monta uma cousa como a outra; porque grande deferença faz pêra se bem entender, serem estas palavras propriamente escritas. O quar-

to que não ponha palavras que segundo o nosso costume de falar sejam havidas por desonestas. O quinto, que guarde aquela ordem que igualmente deve guardar em qualquer outra cousa que se escrever deva, *scilicet* que escrevem cousas de boa sustância, claramente, pêra se bem poder entender, fremoso o mais que ele puder, e curtamente quanto for bem. E um razoar, tornando de latim em linguagem, e outro escrever, achará melhoria de todo juntamente per um ser feito. (In SPINA, 2007, 151-153)

Vocabulário

tornar – verter; nem doutras linguagem – palavras estrangeiras; el – eu; apontar – pontuar; razoar – formular a tradução portuguesa; feito – feitas por pessoas diferentes.

A SAUDADE PROPOSTA NO *LEAL CONSELHEIRO*

E a saudade não descende de cada uma destas partes, mas é um sentido do coração que vem da sensualidade, e não da razão, e faz sentir às vezes os sentidos da tristeza e do nojo. E outros vêm daquelas cousas que a homem praz que sejam, e alguns com tal lembrança que traz prazer e não pena. E em casos certos se mistura com tão grande nojo, que faz ficar em tisteza. E para entender isto, não cumpre ler per outros livros, ca poucos acharão que dele falem, mas cada um vendo o que escrevo, consiire seu coração no que já per feitos desvairados tem sentido, e pudera ver e julgar se falo certo.

Pera maior declaração ponho disto exemplos. Se alguma pessoa por meu serviço e mandado de mim se parte, e dela sinto saudade, certo é que de tal partida não hei sanha, nojo, pesar, desprazer nem aborrecimento, ca praz-me de ser, e pesar-me-ia se não fosse. E por se partir algumas vezes vem tal saudade, que faz chorar e suspirar, como se fosse de nojo. E porém me parece este nome de saudade tão próprio, que o Latim nem outra linguagem que eu saiba não é pera tal sentido semelhante. De se haver algumas vezes com prazer, e outras com nojo ou tristeza, isto se faz, segundo me parece, por quanta saudade propriamente he sentido que o coração filha por se achar partido da presença de alguma pessoa, ou pessoas que muito per afeição ama, ou o espera cedo de ser. E isso medes dos tempos e lugares em que per delitação muito folgou. Digo afeição e deleitação, por que são sentimentos que ao coração pertencem, donde verdadeiramente nasce a saudade mais que da razão nem do siso. E quando nos vem alguma lembrança dalgum tempo em que muito folgamos, não geral, mas que traga rijo sentido, e por conhecermos o estado em que somos ser tanto melhor, não desejamos tornar a ele por leixar o que possuímos, tal lembramento

nos faz prazer. E a minguá do desejo per juízo determinado razão nos tira tanto aquele sentido, que faz a saudade, que mais sentimos a folgança por nos lembrar o que passamos, que a pena da minguá de tempo ou pessoa. E aquesta saudade é sentida com prazer mais que com nojo nem tristeza (In MOISÉS, 2006, p. 59)

A CRÔNICA HISTÓRICA



0 Uma batalha pelo reino de Portugal (Fonte: <http://images.google.com.br>)

Como já destacamos nas aulas anteriores, a produção de crônicas (ou “cronicões”, como eram conhecidos), ao lado das hagiografias (vida de santos) e dos “livros de linhagens”, teve início na Literatura Portuguesa na mesma época das cantigas trovadorescas e das novelas de cavalaria. Considerada “paraliterária” por uma parte da crítica especializada, esse tipo de produção mantinha evidentes laços com a matéria histórica, uma vez que se destinava a registrar episódios do cotidiano da época, sem maiores preocupações estéticas. Os primeiros cronicões foram escritos em latim, entre eles, as Crônicas breves do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que, como vimos, reúne quatro matérias historiográficas que versam sobre reis de Portugal e a lenda de Dom Afonso Henriques. Relembramos a também famosa a **Crônica Geral de Espanha**, datada de 1344, organizada por Dom Afonso X e com autoria atribuída a Dom Pedro, conde de Barcelos.

Para compreender, todavia, como a crônica histórica ganhou relevância na Literatura Portuguesa, principalmente a partir da figura de Fernão Lopes, lembremos que a crônica pertence ao gênero ensaístico, que se

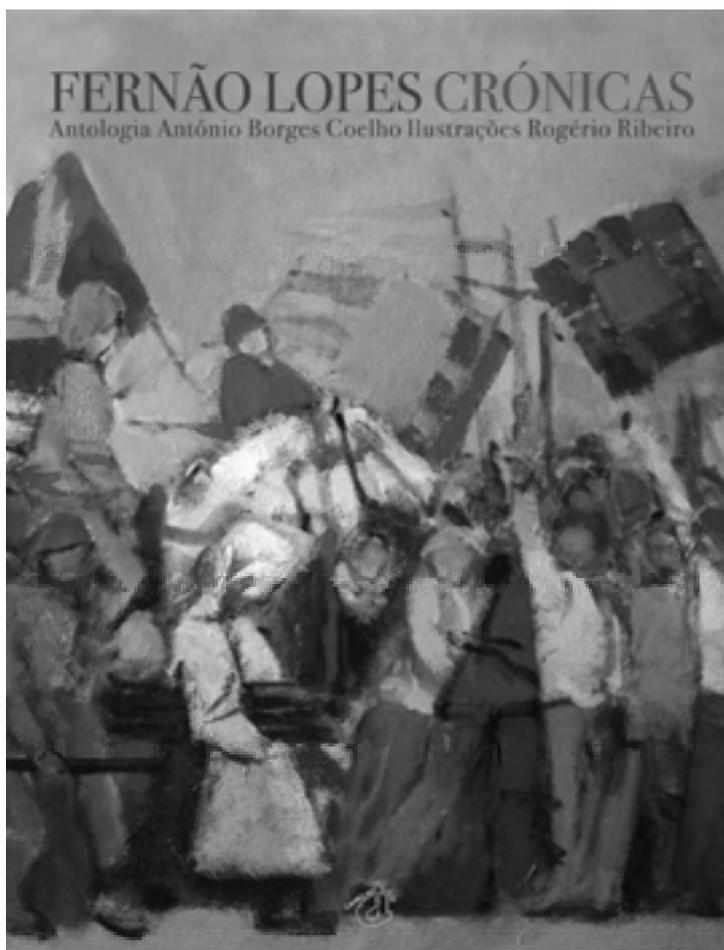
caracteriza pelos vínculos que a instância de enunciação (a voz do texto) mantém com a realidade e o registro dos fatos. O gênero ensaístico, em suas manifestações (crônicas, biografias, autobiografias, memórias, cartas, máximas, reflexões, sermões e a prosa doutrinal, entre outras), manteve-se, de certo modo (com algumas exceções), à parte da historiografia literária justamente pelo fato de não constituir uma realização mimética, ou seja, como esse tipo de produção comprometia-se com certa fidelidade à realidade, não podia ser compreendido à luz da teoria aristotélica sobre a produção artística, considerada uma criação que “imitava a realidade”. Todavia, fatores como os vínculos de autores desses tipos de textos com a produção literária tradicional ou canônica (poesia, teatro, ficção) e sua capacidade criativa e a qualidade simbólico-representativa dos textos em si contribuíram para que outro tipo de olhar fosse lançado sobre essa contribuição. Hoje em dia, o gênero ensaístico já é visto por muitos como um dos gêneros literários ainda que nem toda produção ensaística possa ser assim considerada, uma vez que boa parte dela tem função expressamente referencial.

Fernão Lopes, nesse contexto, foi uma das figuras mais importantes para que a crônica histórica pudesse ser integrada ao percurso da Literatura Portuguesa. Seu compromisso com a história e a busca de fontes e registros diferenciam-no de outros cronistas que apenas copiavam antigas crônicas. Além disso, a linguagem de Lopes apresenta detalhes estéticos que qualificam seu texto e o aproxima do texto literário. A obra de Fernão Lopes pode ser enquadrada como uma das mais autênticas manifestações portuguesas, pois não foi importada. Além disso, seu estilo pode ser considerado uma das maiores figuras da literatura medieval portuguesa. Sua escrita traz um olhar histórico muito inovador para época, pois os acontecimentos não se concentram apenas na vida do príncipe, pois é na verdade um denso conflito permanente entre forças e motivações contraditórias, como é o caso da Crônica de D. João I e o episódio de sua ascensão ao trono de Portugal depois da revolução de Avis. Dentro dessa primeira abordagem, ainda podemos dizer, a forma como Fernão Lopes produz sua escrita está filiada a uma tradição oral e popular portuguesa, isso traz um novo estilo de redigir mais simples e objetivo. Para esse cronista, vale mais a nudez da verdade que a formosura das palavras.

Para muitos, a obra de Fernão Lopes já se enquadra como uma produção humanista. A cultura humanista que está vigente na Europa pregava uma retomada da cultura latina para se distanciar do plebeísmo para imitar os clássicos. Para José Hermano Saraiva, o período que se inicia com a produção de Fernão Lopes (1434) e vai até D. Manuel, 1528, com as dificuldades da coroa, “é talvez a única fase completamente portuguesa de uma arte em que pouco houve que não fosse reflexo de influências vindas do exterior e adaptadas ao gosto e penúria locais” (J. H. SARAI-

VA, 2007, 151). Essa fase corresponde à primeira fase da expansão marítima. Portanto, agora já sabemos como Fernão Lopes iniciou a nova fase da historiografia em Portugal. Faça as tarefas abaixo e vamos partir para uma análise mais detalhada da obra do grande cronista Fernão Lopes.

A CONTRIBUIÇÃO DE FERNÃO LOPES



O povo nas crônicas de Fernão Lopes (Fonte: http://leitura.gulbenkian.pt/rol_de_livros/capas/RL_924_capa.jpg)

Fernão Lopes não possui uma biografia confiável. Quando se pensa em nascimento e morte, por exemplo, temos apenas aproximações de datas. Supõe-se que ele deve ter nascido entre 1380 e 1390. Em 1434 recebeu o título de “vassalo de El-rei”. Em 1454 foi afastado do cargo de cronista-mor e se têm notícias dele vivo até 1459. Antes de ser cronista, ele foi tabelião. Homem de origem simples, provavelmente nasceu em uma vila. Foi escrivão de D. Duarte, quando ainda esse era infante. A partir de 1418, já aparece como chefe dos arquivos do Estado. Para muitos, Fernão Lopes é um investigador nato, tem suas próprias qualidades

como veremos no decorrer dessa aula. Sua escrita registra o testemunho da ascensão de D. João com qualidades de um investigador. Uma das qualidades que de sua narrativa é a construção estética do texto, ele traça aspectos pictóricos dos acontecimentos, como você pode ler em parte da crônica destinada a esse Rei. Vamos resumir (veja os fatos no contexto histórico da Unidade I desta aula) alguns fatos importantes que marcam a chegada de D. João ao poder. Vamos aos fatos: depois do falecimento de D. Fernando em 1383, D. Leonor Teles, a viúva, passa a ser a regente do reino português. D. Beatriz, a herdeira de Fernando e Leonor Teles, está casada com o Rei de Castela e, por isso, o povo teme a ameaça castelhana. Para piorar, D. Leonor vivia um caso uma paixão escandalosa com o conde João Fernandes Andeiro. Isso desagrava muito o povo português. Com a independência nacional ameaçada mais uma vez, o povo participou da revolta contra D. Leonor. Então, com o clamor da “gente miúda” e a participação de homens importantes do reino como Álvaro Pais, antigo chanceler de D. Pedro e de D. Fernando, D. João, o Mestre de Avis, é escolhido para ser o novo rei. Durante a crise, D. João assume a missão de eliminar Andeiro, amante da Rainha. Esse é apenas um dos episódios narrados na Crônica de D. João I, que também teve a vitória portuguesa na batalha de Aljubarrota no dia 14 de agosto de 1385 como principal acontecimento dessa Revolução. Assim, D. João, com a conseqüente revolta popular, acabou sendo nomeado o Regedor e Defensor do Reino, depois Rei.

TEXTO I – CRÔNICA DE D. JOÃO I – PRIMEIRA PARTE



Dom João I (Fonte: <http://jofre.no.sapo.pt/D.%20Joao%20I%20retrato.jpg>)

O assassinato de Andeiro

Então se despediu da Rainha, e tomou o Conde pela mão e saíram ambos da câmara a uma grande casa que era diante, e os do Mestre todos com ele, e Rui Pereira e Lourenço Martins mais acerca. E chegando-se o Mestre com o Conde acerca de uma fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de falar passo, e estiveram todos quedos. E as palavras foram entre eles tão poucas e tão baixo ditas, que nenhum por então entendeu quejandas eras; porém afirmam que foram desta guisa.

- Conde, eu me maravilho muito de vós serdes homem a que eu bem queria, e trabalhardes vós de minha desonra e morte.

- Eu senhor! disse ele, quem vos tal cousa disse, mentiu-vos mui grande mentira.

O Mestre que mais vontade tinha de o matar que de estar com ele em razões, tirou logo um cutelo comprido, e enviou-lhe um golpe à cabeça; porém não foi a ferida tamanha que dela morrera, se mais não houvera. Os outros que estavam de arredor, quando viram isto, lançaram logo as espadas fora pera lhe dar, e ele movendo para se colher à câmara da Rainha com aquela ferida, e Rui Pereira que era mais acerca, meteu um estoque de aramas per ele de que logo caiu em terra morto.

Os outros quiseram-lhe dar mais feridas, e o Mestre disse que estivessem quedos, e nenhum foi ousado de lhe mais dar e mandou logo Fernando Álvares e Lourenço Martins que fossem cerrar as portas que não entrasse nenhum, e dissessem ao seu Pajem que fosse à pressa pela vila brandando que matavam o Mestre, e eles fizeram-no assim.

E era o Mestre quando matou o Conde, em idade de vinte e cinco anos e andava em vinte e seis; e foi morte seis dias de dezembro, era já escrita de quatrocentos e vinte e um.*

(In MOISÉS, 2006, p. 51-52)

* acerca = próximo de; quejandas = quais; quedos = quietos; era já escrita de quatrocentos e vinte e um = 1383.

Antes de produzir suas crônicas a pedido de D. Duarte, Fernão Lopes contribuiu na compilação e redação de uma crônica geral do reino de Portugal. Contudo, só em 1418, há referências a sua nomeação como guarda-mor da Torre do Tombo. Sua produção é extensa; todavia, só chegaram até os dias atuais três crônicas redigidas por Fernão Lopes: Crônica

de El-Rei D. Pedro, Crônica de El-Rei D. Fernando e Crônica de El-Rei D. João I (1ª. e 2ª. parte) Essa última a mais importante de todas, por narrar a grande transformação social e cultural que se dá em Portugal com a chegada ao trono de D. João I por meio da revolta do povo. Contudo, têm-se notícia que Fernão Lopes escreveu muito mais. Cabe lembrar, que um cronista não precisa ser um historiador, ele poderia apenas se aproveitar de crônicas antigas e lhe acrescentar ou retirar episódios que julgasse mais coerentes. Os cronistas assumiam também a função de atualizar a linguagem desse texto. Daí resulta que os cronistas que sucederam a Fernão Lopes se aproveitaram de seus escritos para reescrevê-los com outra ótica. Sabe-se hoje, que tanto Zurara, substituto de Fernão Lopes, como Rui de Pina usaram partes de crônicas de Fernão Lopes em seus escritos.

A TÉCNICA DE NARRAR DE FERNÃO LOPES



Trabalhadores medievais (Fonte: <http://images.google.com.br>)

Antes do desenvolvimento da técnica de Fernão Lopes, você já pôde acompanhar nas aulas anteriores que havia uma tradição historiográfica produzida na corte e nos mosteiros e a tradição oral. Dessa última, temos as novelas de cavalaria que foram reescritas e fundidas em diversas versões ao longo da Idade Média. Também podemos destacar as várias versões da *Crônica Geral de 1344*, que narra a vida do patrono de Portugal, D. Afonso Henriques. Assim, Fernão Lopes não inicia do zero, pelo contrário, ele tinha à disposição uma variação de gêneros textuais que o antecederiam. Cabe destacar que o Humanismo já estava a todo vapor na Europa, principalmente na Itália, com a leitura dos clássicos greco-romanos que até então eram lidos apenas nos mosteiros. Dessa concepção, podemos dizer que Fernão Lopes se aproxima pela valorização do homem, de sua realidade, do seu

espaço e da sua forma de organizar o reino. Com isso, podemos dizer que Fernão Lopes apresenta uma concepção antropocêntrica do mundo, pois o homem está no centro de sua narrativa.

Voltando à tradição historiográfica da Península Ibérica, podemos dizer que Fernão Lopes tira bom proveito dessa herança. Os críticos afirmam que sua elegância ao construir a frase vem da novela de cavalaria, assim como o uso de frases longas, próprias dos oradores. Nas suas narrativas, observamos também a valorização da voz do autor que desperta o leitor como em um auditório, trata-se de uma prosa ainda escrita para ser recitada em público, muito comum aos textos da Idade Média. Lembre-se que a imprensa só foi inventada em 1450 e difundida em Portugal no século XVI.

O estilo de Fernão Lopes apresenta sugestões de interpretação, exclamações e perguntas que envolvem esse leitor medieval. Com isso, Fernão Lopes ganha um lugar nessa tradição, pois constrói um estilo de escrita em prosa. O que antes era apenas um exercício de complicação, com ele, passa a ser uma técnica inovadora com ritmo próprio. Ele não segue somente a ordem cronológica dos fatos, ele ordena a matéria em grandes conjuntos animados, por isso seu caráter romanesco e épico. A ordem dos fatos nas crônicas de Fernão Lopes se diferem da novela de cavalaria, que continha episódios individuais em plano único, sem agrupamentos. Ele dá sentido e encontra unidades de ação para todos os acontecimentos. Veja as principais características de suas crônicas apontadas por António Saraiva (2008, p. 130-131):

- a) planos múltiplos da realidade social;
- b) ordenação de conjuntos complexos de massa e indivíduos;
- c) desenha em segundo plano processo anônimo;
- d) descreve pormenores das intrigas palacianas, dos cercos a castelos e das batalhas; e
- e) descreve as falas do povo e os levantamentos das vilas contra os castelos.

As crônicas desse historiador representam um todo, e giram em torno da guerra em que a nova dinastia toma o poder. Para Saraiva (2008, 131), as duas primeiras crônicas preparam o terreno para a grande narrativa de D. João I que, como Mestre de Avis, chega ao trono pela insurreição do povo. A seleção de fontes e fatos é primordial neste cronista. A crônica de D. Pedro é um prólogo desse grande momento de Portugal. A de D. Fernando é mais nacional e prepara o leitor para o drama central. Pela importância da revolução e pela técnica primorosa, podemos considerar Fernão Lopes como o “cronista da refundação do Reino” (SARAIVA, 2008, p. 132).

Veja que você está estudando uma das partes mais importantes da história de Portugal: o momento de transição entre o medieval e o moderno. A Dinastia de Avis significa essa ruptura, esse momento em que o Estado Português vai iniciar sua expansão marítima. Por exemplo, em 1415, D. João autoriza a conquista de Ceuta, considerada por muito como a marco inicial da expansão marítima Portuguesa. Assim, podemos dizer que, pela importância do momento e pela capacidade técnica, Fernão Lopes produz a epopéia da Revolução (1383-85) que marcou a história de Portugal.

Como foi visto, a combinação coletiva nas crônicas de Lopes nos chama a atenção para o gênero épico, pelos acontecimentos múltiplos. O coletivo tem um destino vitorioso como tão bem narrado nas epopéias gregas. O povo está no centro da narrativa de Fernão Lopes, e esse mesmo povo triunfa sobre seus opressores, no caso os castelhanos. A Nação se destaca em sua narrativa como um espaço não apenas de príncipes e heróis. Nesse sentido vale apontar que o único herói a quem Fernão Lopes dá um destaque maior é Nuno Alves Pereira, um dos responsáveis pelas vitórias da guerra de Aljubarrota. Fernão Lopes dá a esse herói um ar idealizado pelo seu patriotismo. Nas crônicas, Nuno Pereira é o modelo de cavaleiro cristão.

O mais importante em sua narração, todavia, é o lugar de destaque que a coletividade de Portugal ganha. A idéia de um país com alma pode ser percebida pela forma como o povo está descrito. A gente portuguesa é vista com mais força, com mais humanismo. Toda essa preocupação traz o diferencial a seus textos, que conseguem dar uma nova cara cultural para o povo português, que deixa de ser mais um dos povos que compõe a Península Ibérica como eram vistos até então. Com Fernão Lopes, o lugar do nacional passa a fazer parte de uma coletividade e não apenas dos interesses dos reis. O povo ama a terra que defende, já os fidalgos estão sempre se comprometendo com Castela, conforme os interesses políticos em jogo. Essa relação com o povo faz das crônicas desse autor mais que um relato cronista, mais que uma simples história. Seus textos podem ser lidos como um autêntico poema épico. O otimismo presente na narrativa de Fernão Lopes evidencia seu ideal e aproximação com os vitoriosos. Mesmo os momentos de violência e brutalidade são descritos como partes do todo, isto é, a violência com que os portugueses eliminam os inimigos castelhanos está descrita como efêmera e necessária para que justiça seja feita. Essa justiça está em cena em todos os momentos de suas descrições, assim, a coletividade é portadora da razão e, por isso, age por uma causa justa. Dessa forma, podemos dizer que as crônicas de Lopes merecem destaque por seu valor estético, histórico e humanista.

Portanto, quanto ao diálogo com a tradição historiográfica, Fernão Lopes constrói um estilo a partir de uma herança histórica, as crônicas

dos reis de Portugal. Muitos de seus relatos já estão presentes na *Crônica Geral de 1344*, mas ele vai além e busca a veracidade de alguns fatos em documentos autênticos. Por meio das crônicas de Fernão Lopes, sabemos que havia outros textos historiográficos que não chegaram aos nossos dias. Nesse sentido, cabe lembrar que o próprio Fernão Lopes aproveita trechos de crônicas já existentes a sua época, inclusive as escritas em castelhano como as de Pero Lopes de Ayala. Todavia, sua pesquisa vai além de uma simples compilação, pois, além de questionar esses textos, ele faz investigação de testemunhos tanto orais como arquivados nos documentos do reino. Esse ideal de justiça impulsiona o texto de Fernão Lopes. Sua epopéia é nacional e se inspira nas tradições afonsinas (fundador de Portugal).

O SENTIDO DA COLETIVIDADE EM FERNÃO LOPES

Agora vamos pormenorizar um pouco mais o estilo de Fernão Lopes, descrevendo sua visão de mundo sempre coerente com seu momento histórico e com a intenção de não perder o compromisso com a verdade histórica e a beleza da narrativa. Tal estilo segue a maneira medieval de redigir, pois faz compilação das memórias anteriores às quais acrescenta investigação original e crítica. Tal estilo de investigação pode ser visto com destaque entre as crônicas europeias da época, pois, em outras cortes, as crônicas se resumiam a reportagens baseadas em relatos pessoais. Daí podermos afirmar que os textos de Fernão Lopes têm uma significação maior por ter ido além da compilação. Ao lado de informar as fontes consultadas, ele submete a histórias herdadas a uma análise crítica o que faz o diferencial de suas crônicas. Tal preocupação com a fidelidade histórica não se encontra nos textos de Zurara e Rui de Pina, seus seguidores.

Para Massaud Moisés, os pormenores fazem do texto de Fernão Lopes um modelo original na história de Portugal, pois ele “confere importância aos movimentos de massa” e descreve “causas econômicas e psicológicas do processo histórico” (MOISÉS, 2003, p. 33-34). Sua obra narra de forma pictórica os acontecimentos, dando um sentido coletivo aos fatos narrados, fruto da sensibilidade estética desse cronista. Outra qualidade desse cronista está no fato de introduzir o leitor nos acontecimentos que descreve. Podemos ver isso, por exemplo, nas festas dadas pelo enlouquecido D. Pedro com a ausência eterna de sua amada Inês¹:

Ora deixemos os jogos e festas que el-Rei ordenava por desenfandamento, nas quais, dia e de noite, andava dançando por mui grande espaço; mas vede se era bem saboroso jogo. Vinha el-

Rei em batéis de Almada para Lisboa, e saíam-no a receber os cidadãos, e todos os dos mesteres, com danças e trebelhos, segundo então usavam, e ele saía dos batéis, e metia-se na dança com eles, e assim ia até o paço.

...

As gentes, que dormiam, saíam às janelas, a ver que festa era aquela, ou por que se fazia; e quando viram daquela guisa el-Rei, tomaram prazer de o ver assim ledo. E andou el-Rei assim gram parte da noite, e tornou-se ao paço em dança, e pediu vinho e fruta, e lançou-se a dormir.

...

Em outro dia, estavam mui grandes tendas armadas no Rossio, acerca daquele mosteiro, em que havia grandes montes de pão cozido, e assaz de tinas cheias de vinho, e logo prestes por que bebessem. E fora estavam ao fogo vacas inteiras em espetos a assar, e quantos comer queriam daquela vianda, tinham-na muito prestes, e a nenhum não era vedada.

E assim estiveram sempre, enquanto durou a festa, na qual foram armados outros cavaleiros, cujos nomes não curmaos dizer” (In MOISÉS, 2006, p. 48).

Antes de detalhar um pouco mais o estilo de Fernão Lopes vale relembrar que o cronista medieval está vinculado a um grupo ou a um rei e procura narrar apenas o ângulo que interessa a esse grupo. Deixando os acontecimentos restritos aos interesses do seu “protetor”, todo o conjunto ficava de fora. Assim, as crônicas medievais tendem a ser unilaterais e fragmentárias. Essa tradição medieval narrava apenas os feitos de cavalaria, torneios, aventuras de reis e intrigas palacianas, por exemplo, deixando o povo e detalhes menores de lado.

Tal estilo é bem diferente do encontrado nas crônicas de Fernão Lopes. Elas dão um panorama de forças múltiplas e contraditórias no qual ações individuais fazem parte da movimentação de forças coletivas e anônimas. Podemos dizer que isso se encontra principalmente na crônica de D. João I e na Revolução de Avis. Além disso, sua forma de narrar privilegia detalhes da intimidade dos reis, bodas, amores e intrigas conjugais. Por outro lado, temos a gente miúda como personagem constante em suas longas descrições: comícios com populares nas ruas, alfaiates, camponeses. Exemplo disso é a participação do povo contra o poderio castelhano na revolução popular que leva ao trono o mestre de Avis. As intrigas que envolvem esses acontecimentos dão um sentido épico à narrativa de Fernão Lopes, que busca na coletividade o sentido de unidade. Essa visão de uma coletividade urbana e nacional também não deixa de lado os problemas econômicos por que passa aquela gente, como a quebra de moedas e a cobrança de altos impostos.

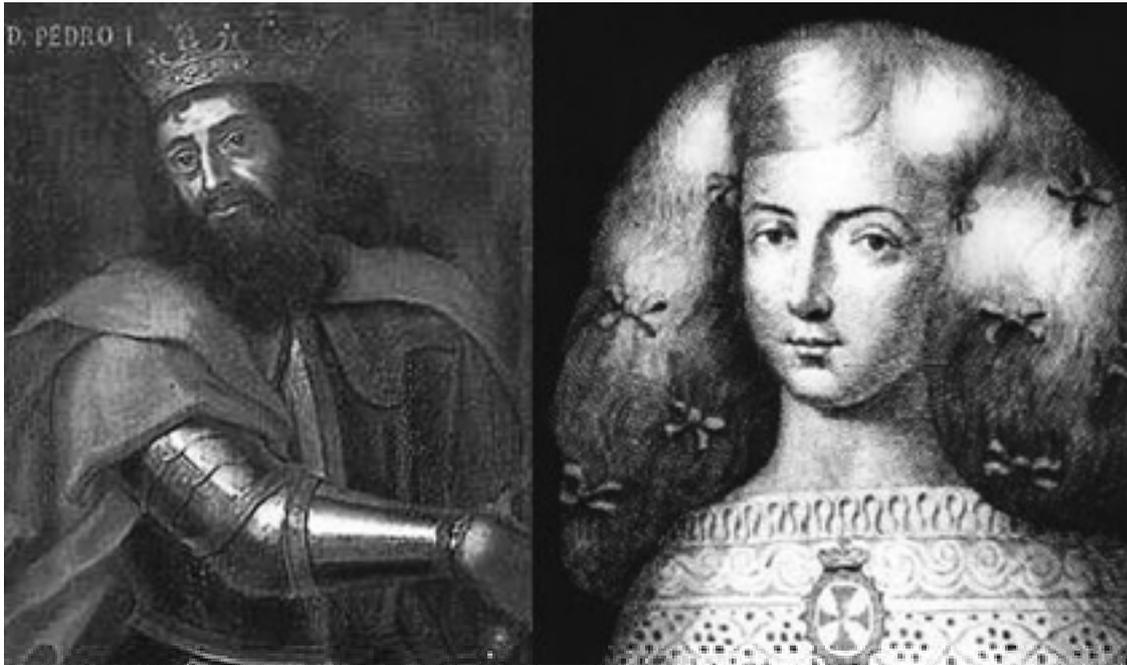
Para Fernão Lopes, a cavalaria não é um advento festivo e glorioso, como insistem as narrativas palacianas, em que os bravos ganhavam títulos de glória. As revoltas urbanas e rurais ganham destaque em torno da Revolução de Avis. Essa crise de dinastia proporcionou a consciência patriótica tão bem desenvolvida em seus textos. Ele evoca essa massa anônima que assalta castelos e defende sua terra e sua liberdade. Sem exageros, a crônica de Lopes deixa de lado as chacinas gratuitas das guerras e não as vê como aventuras monárquicas, fato muito comum às crônicas anteriores.

A reconstituição dos acontecimentos fica marcada pela qualidade dos espaços descritos em suas crônicas. A corte é descrita com sua psicologia própria, seus interesses, seus amores, seus lutos; já a praça pública é ruidosa, tanto como acampamento de guerra como em dias de festa. Há também o campo de batalha de numerosos homens. Há fortalezas com intrigas entre sitiados e sitiantes. A vida simples do povo está presente em sua narrativa. Com todos esses elementos, temos uma narrativa pitoresca quase teatral. Mas não se engane, o exterior aparece em suas crônicas como parte da expressão humana e da coletividade. É interessante notar que suas narrativas, além do eixo central das histórias dos reis de Portugal, se dirigem para a gente que constrói toda a ação dos acontecimentos. Veja como ele descreve os dias de revolução, nos quais o povo não tinha o que comer nos dois trechos selecionados da Crônica de D. João:

Estando a cidade assim cercada, na maneira que já ouvistes, gastavam-se os mantimentos cada vez mais, por as muitas gentes que em ela havia, assim dos que se colheram dentro do termo de homens aldeãos com mulheres e filhos, come dos que vieram na fronta do Porto. E alguns se tremetiam às vezes em batéis, e passavam de noite escusamente contra as partes de Ribatejo; e metendo-se em alguns esteiros, ali carregavam de trigo que já achavam prestes, per recados que antes mandavam. E partiam de noite, remando mui rijamente, e algumas galés, quando os sentiam vir remando, isso mesmo remavam a pressa sobre eles; e os batéis, por lhe fugir, e elas por os tomar, eram postos em grande trabalho. (SPINA, 2006, p.136).

...

Andavam os moços de três e de quatro anos, pedindo pão pela cidade por amor de Deus, como lhes ensinavam suas madres; e muito não tinham outra cousa que lhe dar senão lágrimas que com ele choravam, que era triste cousa de ver. E, se lhes davam tamanho pão como uma noz, haviam-no por grande bem” (SPINA, 2006, p.138).



Dom Pedro e Inês (Fonte: <http://templars.files.wordpress.com/2007/09/pedro-e-ines.jpg>)

Com toda a vivacidade dessas personagens anônimas, a crônica de D. João está cheia de personagens do povo. Assim, “Todos os figurantes da história aparecem nele reduzidos à mesma humanidade comum, pouco importando a sua hierarquia social à luz justiceira com lhes alumia os recessos íntimos” (SARAIVA; LOPES, 2008, p. 128). Seus reis não são perfeitos, o Mestre de Avis é descrito como hesitante, violento e medíocre, sem com isso ferir a imagem do futuro Rei. Assim, diferentemente dos outros cronistas oficiais, os reis de Fernão Lopes são homens comuns. Por exemplo, D. João tanto apresenta seu lado medíocre e comum e suas indecisões, como também é marcado por paixões e impulsos repentinos. Já Pedro I é um herói apaixonado, um homem apaixonado por uma Inês morta. Nas suas crônicas, o quadro dos reis de Portugal só ganha coerência pela idéia de coletividade que sua narrativa ressalta. Ele usa termos coletivos como “moradores da cidade”, “povos do reino” e o mais conhecido “arraia-miúda” que complementam o quadro da vida dos reis. Podemos destacar também que o povo representado nas crônicas de Fernão Lopes não é passivo: ele assalta castelos, quebra lanças, vibra com a vitória no Tejo ou em Aljubarrota. O cuidado com o povo é apaixonante na narrativa desse cronista. Pelo visto, o material histórico é denso e vasto na percepção coletiva da vida social. Portanto, a visão multifacetada de Fernão Lopes abrange os aspectos sociais de um momento tenso da história de Portugal. Essa visão conjunta do todo deixa um precioso relato da crise que o país atravessou na passagem da Idade Média para os tempos modernos.



Monte de Inês de Castro (Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_qPhCscO-JJI/SwwoEzyg7nI/AAAAAAAAAFDk/LXJrYcHcCx0/s400/Tumulo_de_Ines_de_Castro.jpg)

OUTROS CRONISTAS

Vamos resumir o que estudamos até agora para acrescentar dois outros cronistas que seguiram a tradição de Fernão Lopes. A historiografia de Portugal data das compilações das famílias nobres e da hagiografia, isto é, a narrativa da vida dos santos. Contudo, é com Fernão Lopes que a crônica ganha destaque por suas intenções artísticas e posição crítica de historiador diante dos fatos narrados. Depois de Fernão Lopes, essa tradição foi mantida por Gomes Eanes de Zurara, sem o brilho de seu antecessor, e por Rui de Pina, que omitiu as fontes de seus textos. Esse último é acusado de fazer compilações das crônicas perdidas de Fernão Lopes sem assinalar tal fato. Recentemente foram descobertos originais que sustentam essa suspeita.

Gomes Eanes de (A)Zurara (1410?-1474), que foi cronista-mor a partir de 1454, deve ter ficado nesse cargo até 1474. Quando Fernão Lopes é substituído, tudo indica pela idade avançada, o contexto social muda, a nobreza hereditária assume o poder no reinado de Afonso V. Assim, Zurara assume o posto de cronista com a proposta de mudar o formato estético das crônicas. Havia um apelo maior pelo grandioso e bem ornamentado, uma vez que a velha aristocracia portuguesa estava de volta ao poder. Dessa forma, Zurara dá uma concepção aristocrática às suas crônicas. Para esse cronista, importa um tom mais grandioso em torno do rei, por isso ele continua a fazer as crônicas dos reis de Portugal sem brilho, sem encanto e sem calor humano. Zurara escreve a terceira parte da Crônica

de D. João I – *A Tomada de Ceuta*. Lembre-se que foi o próprio Fernão Lopes que escreveu as duas primeiras partes de forma brilhante. Zurara era um erudito, um homem bem formado que cultivava o amor às letras, valorizando a forma cavaleiresca de narrar. Ele é considerado um cronista da aristocracia, na qual a glória dos grandes homens deve ser valorizada.

Resumindo, Zurara passa a ser cronista no momento de grande mudança na vida política da corte da corte portuguesa que, com a chegada de Afonso V ao poder, aceita de volta parte da nobreza que tinha se refugiado em Castela. Protegido pela nobreza com honraria e mercês, Zurara desempenhou seu papel com certa liberdade. Antes mesmo de assumir o cargo, já planeja escrever uma de suas melhores crônicas, *Crônica da Tomada de Ceuta*. O método desse historiador difere do seu antecessor: Zurara deixava de lado a pesquisa de documentos para privilegiar a tradição oral e depoimento dos participantes dos fatos narrados. Em alguns casos, colhia o depoimento do próprio herói, por isso, seu texto é impregnado do espírito de cruzada.

Com isso, observamos um espírito de cruzada em sua narração, isto é, ele trabalha com uma concepção cavaleiresca da história. Ele é considerado o cronista das Grandes Navegações, pois as conquistas ultramarinas ganham espaço nas crônicas históricas. Sua técnica narrativa destaca grandes personagens da história, deixando a coletividade de lado e o reinado fica em segundo plano. Sua técnica de narrar traz algumas características da cultura clássica, herança humanista que se difundia nas universidades da época. Depois de Zurara, Vasco Fernandes de Lucena ocupou esse mesmo cargo por volta de 30 anos, mas não há notícias de textos deixados por esse cronista.

O quarto cronista foi Rui de Pina (1440-1522) – cronista a partir de 1497 – escreveu crônicas das duas dinastias dos reis de Portugal. Há uma suspeita que ele tenha compilado parte dessas crônicas de trabalhos de Fernão Lopes. As primeiras foram refundição de crônicas de autores desconhecidos. Assim, a honestidade intelectual não faz parte dos ideais desse cronista. Como característica estilística, Pina apresenta uma linguagem ainda mais influenciada pela cultura clássica. Destacam-se as duas últimas crônicas de Pina como sendo de sua autoria: Crônica de D. Afonso V e Crônica de D. João II. Desse último monarca, Rui de Pina constrói uma das imagens mais temidas dos reis de Portugal. Para os amigos, D. João II era o “Príncipe Perfeito”, para os inimigos, o “Tirano”. D. João II foi responsável pelo incentivo às grandes navegações. Ele resolveu questões internas com certa habilidade. Veja como Rui de Pina descreve esse rei: “foi príncipe mui justo, e mui amigo de justiça, e nas execuções dela mais rigoroso, e severo, que piedoso”. Para finalizar, podemos dizer que o estilo de Rui de Pina é mais influenciado pelo Renascimento que o de Zurara. Além de centrar suas descrições na imagem de D. João II, quando lhe descreve seus defeitos, logo procura justificá-lo, parecendo estar sempre querendo agradar a seu mecenas, D. Manuel, primo de D. João II. Então, podemos dizer que sua narrativa é linear e sem dramaticidade, pois ele se concentra mais na descrição.

CONCLUSÃO

Como vimos, diante de uma produção histórica, filosófica e doutrinal, a prosa em língua portuguesa dá seus primeiros passos e já ganha um grande prosador que é Fernão Lopes. Vimos, nesta aula, o quanto a tradição oral das cantigas de gesta, narrando as aventuras do primeiro Rei de Portugal, Afonso Henriques, foram importantes antecessores da crônica de Fernão Lopes. Podemos também estudar que havia um sentido cultural ibérico, por isso, muitos dos fatos referentes a Portugal eram narrados nas crônicas de Castela e em mosteiros da região. Dessa tradição, surgiu o grande cronista Fernão Lopes, um homem simples que deu outro sentido para o papel do cronista e do historiador, pois estava sempre preocupado com a veracidade dos fatos. Suas crônicas apresentam um aspecto épico pelo compromisso com a história do povo português. Outro aspecto que nos chama a atenção é seu estilo, preocupado com a linguagem e com a construção multifacetada do mesmo acontecimento. Os reis nas crônicas de Fernão Lopes apresentam qualidade e defeitos. Assim, vale a pena reler algumas crônicas desse historiador para melhor entender os acontecimentos históricos que antecedem as Grandes Navegações.

RESUMO

Nesta aula estudamos a historiografia de Portugal, analisando a prosa doutrinal e as crônicas históricas de Fernão Lopes. A prosa doutrinal teve um importante papel pedagógico na vida palaciana depois da Revolução de Avis (1383-85). D. João I dá o exemplo e organiza um *Livro de Montaria*, sobre a caça do porco montês. Seu filho, D. Duarte, produz *Leal Conselheiro*, obra que valoriza a boa conduta da nobreza. D. Pedro, irmão de D. João I, também escreve sobre boas maneiras do cavaleiro. Fernão Lopes, nessa mesma corte, produz as melhores crônicas da história de Portugal. Antes dele, havia a tradição oral, das novelas de cavalaria, uma versão da *Crônica Geral de 1344*, que narra a vida do patrono de Portugal, D. Afonso Henriques. Contudo, é com Fernão Lopes que a crônica ganha destaque por suas intenções artísticas e sua posição crítica de historiador diante dos fatos narrados. A crônica de Fernão Lopes dá um espaço inovador ao povo que, em seus textos, não é passivo, pois assalta castelos, quebra lanças, vibra com a vitória no Tejo ou em Aljubarrota. Depois de Fernão Lopes, estudamos os cronistas seguintes que não tiveram o melhor brilho: Zurara, um cronista da nobreza, e Rui de Pina, cronista que não se preocupa com a originalidade das fontes.





ATIVIDADES

1. Comente os dois textos de D. Duarte quanto à validade das idéias que ele debate.
2. Relacione e comente os principais motivos que proporcionaram o surgimento das crônicas de Fernão Lopes.
3. Pode-se dizer que as crônicas de Fernão Lopes são os primeiros documentos aceitos como oficial porque foram patrocinados pelo D. Duarte. Isso é verdade? Comente com base nos textos dessa aula e da aula anterior.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Tanto as dicas para escrever bem em língua portuguesa quanto o desenvolvimento do conceito de saudade são aceitáveis até os dias de hoje. Portanto, percebe-se que D. Duarte tinha uma formação humanística invejável. Seu conceito de saudade está formado filosoficamente e é denso e representa uma marca da identidade portuguesa. Um povo que abandonou sua terra para colonizar o mundo.
2. A revolução de Avis está no centro dessa motivação. O reconhecimento do talento de Fernão Lopes por parte de D. Duarte, a capacidade de Fernão Lopes pesquisar e buscar fontes é outro fator. Sua preocupação com os fatos e com a participação do povo. Sua idéia de uma narrativa histórica. Tudo isso é importante para o surgimento dessas importantes crônicas.
3. Não, pois os textos dos mosteiros e os livros de linhagem são importantes. Além disso, já havia algumas crônicas escritas antes de Fernão Lopes, como a castelhana e a árabe. O fato de Fernão Lopes ser pago pelo reino não influenciou no resultado de seu trabalho, fato que não acontece com Zurara e Rui de Pina.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você concluirá essa unidade de nosso curso, estudando o teatro medieval de Gil Vicente. A acirrada crítica à Igreja e o teatro repleto de alegorias chamam a atenção, como você conferirá a seguir.

AUTOAVALIAÇÃO

Seu principal papel nesta aula é relacionar a importância do fato histórico como um dos elementos do fato estético. Você pode começar apresentando uma reflexão sobre o papel pedagógica da prosa doutrinal. Entre suas deduções deve estar o questionamento da crônica de Fernão Lopes como fronteira entre texto literário e texto histórico. Dessa construção, quais as heranças historiográficas que identificamos e quais as principais características da prosa de Fernão Lopes? Se conseguir elaborar tais deduções você aproveitou muito bem nossa proposta de aula.



REFERÊNCIAS

- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 30 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17 ed. Porto: Editora Porto, 2008.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 24 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2007.
- SPINA, Segismundo. **Presença da literatura portuguesa – era medieval**. 11 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.